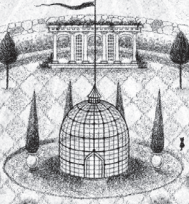


INSTITUTO



ELLINGHAM

I.



8.



2.



9.



3.



10.



II.



4.



12.



5.



13.



6.



14.



7.



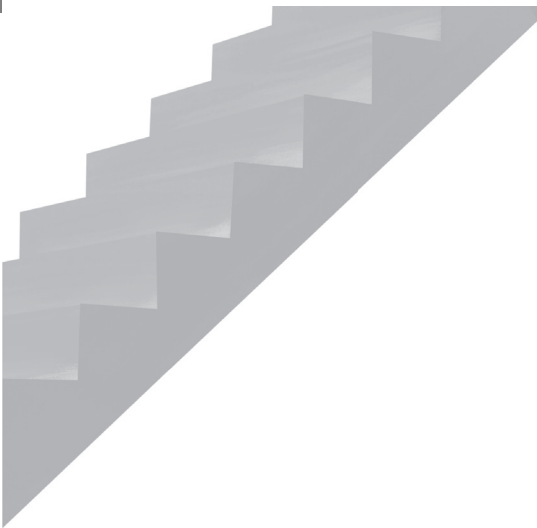
- 1. OFICINA
- 2. ASTERIA
- 3. GENIO
- 4. ARTEMIS
- 5. APOLO
- 6. DIONÍSIO
- 7. DEMÉTER

- 8. MANSÃO
- 9. MINERVA
- 10. EUNOMIA
- 11. CIBELE
- 12. JÚPITER
- 13. VESTA
- 14. JUNO



*Se alguém nunca lá está, onde deves procurar?
Nas escadas sempre, no degrau nem pensar*

— *Enigma encontrado na secretária de Albert Ellingham
no dia da sua morte, em 30 de outubro de 1938*



13 de abril de 1936, 21h00.

— Alguém viu a Dottie? — perguntou a Sra. Nelson.

A professora Nelson, responsável pela Casa Minerva, olhou em redor à procura de uma resposta. Embora fosse primavera, o frio ainda persistia na montanha, e os residentes da casa estavam sentados junto à lareira, na sala comum.

— Talvez esteja com a enfermeira — respondeu Gertie van Coevorden. — Esperemos que façam alguma coisa em relação àquele ranho todo. Ainda nos vai deixar doentes. É nojento. Vou ver os Astors em breve. Não me posso dar ao luxo de ficar doente.

Gertie van Coevorden era provavelmente a aluna mais rica de Ellingham; a sua árvore genealógica incluía dois Astors e um Roosevelt, um facto que ela não hesitava em revelar sempre que surgia a oportunidade numa conversa.

— Gertrude — disse a Sra. Nelson em tom de reprovação.

— Não, a sério — insistiu Gertie. — Agora que ela não está cá, podemos dizê-lo. Está claramente de nariz entupido, sempre a fungar e a limpar o nariz à manga. Eu sei que devíamos tratá-los da mesma forma que os outros, mas...

Por «eles», Gertrude referia-se aos alunos bolseiros, dez ou onze miúdos de famílias pobres que Albert Ellingham escolhera como parte do seu jogo. Misturar ricos e pobres.

— Então façam-no — admoestou a Sra. Nelson.

— Oh, eu sei que ela é muito *inteligente*...

Aquilo era um eufemismo. Dottie Epstein dava dez a zero a qualquer professor.

— ... mas ela é simplesmente horrível. Só estou a *dizer* que...

— Gertrude — repetiu a mulher com cansaço —, estou a falar a sério. Basta.

Gertie torceu a cara e voltou a concentrar-se no exemplar da revista *Photoplay* que estava a ler. Do outro lado da lareira, Francis Josephine Crane, a segunda aluna mais rica de Ellingham, olhou para cima. Tinha-se enrolado no seu cobertor de chinchila e a sua atenção oscilava entre um livro de química e o último número da revista *Histórias de Detetives*. Também ela estava alheia a tudo o que se passava à sua volta.

Francis, tal como Gertie, era nova-iorquina. Tinha dezasseis anos e era filha de Louis e Albertine Crane, da Farinhas Crane (a preferida da América! Cozinha sempre bem quem usa Farinha Crane!) Os seus pais eram amigos íntimos de Albert Ellingham e, quando este inaugurara o instituto e precisara de alunos, Francis foi enviada para Vermont num carro com motorista, seguido de uma carrinha carregada de baús com todos os luxos imagináveis. Lá em Vermont, com as tempestades de neve e o confortável rácio entre os escandalosamente ricos e os pobres, Francis era assunto encerrado no que dizia respeito aos pais. Para ela, por outro lado, nada estava decidido, mas ninguém lhe pedira opinião sobre o assunto.

Francis, que nunca perdia uma oportunidade de falar com os empregados, sabia que, por muito que o *nome* de Gertie estivesse relacionado com os Astors e os Roosevelts, ela era, na realidade, a filha biológica de um bonito *barman* do Casino do Central Park. O casino era o local onde muitas das *socialites* ricas e aborrecidas de Nova Iorque passavam as suas noites a beber *cocktails*... e, aparentemente, a fazer outras coisas. Nem Gertie nem o seu pai sabiam nada sobre isso. Era uma informação sumarenta que Francis guardava na manga, à espera do momento certo.

Havia sempre um momento oportuno para esse tipo de coisas. Francis era rica e inteligente o suficiente para se ter aborrecido com os seus bens materiais. Ela gostava de segredos. Os segredos eram valiosos.

— Ninguém viu a Dottie? — voltou a perguntar a Sra. Nelson, enquanto mexia nos seus brincos de diamantes. — Acho que vou pedir a alguém para procurar na biblioteca. É provável que ela esteja lá e não tenha dado pelas horas.

Francis sabia que Dottie Epstein não se encontrava na biblioteca. Tinha-a visto correr em direção à floresta algumas horas antes. Dottie era uma criatura enigmática e esquiva, sempre a esconder-se em recantos onde pudesse mergulhar na leitura. Francis não fez perguntas porque não gostava de se ver no papel de interrogadora e porque respeitava o direito de Dottie a refugiar-se onde bem entendesse.

O telefone começou a tocar no quarto da Sra. Nelson, no andar de cima, e ela levantou-se para atender. Talvez fosse a neblina deprimente ou o facto de já ser mais tarde do que o habitual para o regresso de Dottie, mas algo aguçou o sentido de alerta de Francis. Fechou a revista dentro do livro e levantou-se da cadeira.

— Oh, empresta-me a tua manta se vais para o teu quarto! — implorou Gertie. — Não me apetece levantar-me para ir à procura da minha.

Francis pegou na manta de chinchila com uma mão e deixou-a cair sobre o colo de Gertie enquanto passava. Dirigiu-se pelo corredor escuro até à casa de banho da torre. Depois de trancar a porta, tirou os sapatos e as meias e subiu cuidadosamente para a sanita, utilizando-a como um degrau para alcançar o peitoril da janela. A posição era precária; o mármore frio mal oferecia espaço suficiente para apoiar o pé, e se perdesse o equilíbrio, cairia e provavelmente magoar-se-ia. Teve de se agarrar firmemente à moldura da janela, e assim conseguiu ficar quase ao lado de uma grelha de ventilação perto do teto, que lhe permitiu ouvir a conversa telefónica no andar de cima, ainda que abafada.

Francis inclinou a cabeça, tentando captar melhor os fragmentos da voz da Sra. Nelson. O tom da mulher era agudo e urgente.

— Meu Deus — exclamou a Sra. Nelson. — Meu Deus, quando...?

Ela não era dada ao drama. Era uma mulher serena, elegante e atraente, com um perfil bem definido: formada na prestigiada Universidade Smith e professora de Biologia. Tinha o cabelo castanho brilhante e usava sempre os mesmos brincos de diamantes de aparência caríssima, mas variava a roupa regularmente. Tal como o restante pessoal de Ellingham, era perspicaz e dotada de talento.

No entanto, agora, parecia aterrorizada.

— Mas a polícia... sim. Entendo.

A polícia?

— Encontramo-nos lá assim que as raparigas se deitarem. Vou mandá-las para a cama agora. Estarei aí em breve.

Desligou o telefone abruptamente, e Francis deslizou para o chão e regressou à sala comum, ao mesmo tempo que a Sra. Nelson descia as escadas. Tentou aparentar normalidade, mas não conseguiu esconder o brilho alarmado dos olhos nem o rubor das faces. Aproximou-se da porta e deslizou o pesado trinco de ferro. A sua mão tremeu ligeiramente.

— Hora de deitar, meninas — anunciou com firmeza.

— Onde está a Dottie? — perguntou Gertie.

— Tinhas razão. Ela vai passar a noite na enfermaria. Agora, para a cama.

— Ainda são dez menos cinco — protestou Agnes Renfelt. — Quero ouvir um programa.

— No teu quarto — disse a senhora Nelson. — Podes ouvi-lo lá, no rádio.

Francis dirigiu-se ao seu quarto, o número dois, no fim do corredor. Assim que entrou, tirou o vestido e vestiu umas calças de lã pretas e uma camisola cinzenta. Abriu a primeira gaveta da secretária e tirou uma vela e uma caixa de fósforos que guardou no bolso. Sentou-se no chão com o ouvido colado à porta e esperou.

Após cerca de duas horas, Francis ouviu a Sra. Nelson passar pelo seu quarto. Abriu a porta apenas o suficiente para ver a mulher subir as escadas no extremo do corredor. Olhou para o despertador. Decidiu dar-lhe dez minutos de vantagem. Um intervalo prudente.

Passados os dez minutos, Francis saiu do quarto e dirigiu-se para a escada em espiral no final do corredor. Foi até à parte traseira. Apesar de parecer um espaço sólido e fechado, Francis havia descoberto o seu segredo uma noite após espiar a Sra. Nelson. Levava várias semanas para descobrir o truque, mas finalmente percebera que, se pressionasse um ponto específico, um trinco diminuto da parte inferior movia-se, permitindo abrir uma pequena porta. O interior da escada parecia um espaço destinado a guardar coisas, mas, se observasse com atenção, via-se uma tampa no chão. Naquela noite, a

tampa estava aberta. Normalmente, a Sra. Nelson certificava-se de que a fechava ao entrar.

A tampa revelava uma cavidade escura e sem revestimento, com uma escada de mão que não parecia conduzir a lugar nenhum. Na primeira vez que descera, Francis tivera de reunir toda a sua coragem. Descera cuidadosamente, Tateando, passo a passo, primeiro apenas com a ponta dos pés, nunca chegando a pousar os calcanhares até ter chegado ao piso inferior.

No fundo da escada, Francis encontrou um estreito corredor de rocha. Era apenas alguns centímetros mais alto do que ela e tinha a largura certa para uma pessoa, lembrando-lhe vagamente uma tumba. Conseguiu esticar o braço e acender a vela; o odor a enxofre do fósforo invadiu o pequeno espaço, lançando um feixe de luz ténue.

Avançou.

SEGUNDA ALUNA DE ELLINGHAM DESAPARECIDA E FUGIDA; POSSIVELMENTE IMPLICADA NA MORTE DE HAYES MAJOR.

UM EXCLUSIVO DO RELATÓRIO DE BATT
15 DE OUTUBRO

Houve avanços significativos na investigação da morte da estrela do YouTube Hayes Major. A maioria dos leitores recordará que Major, famoso pelo programa *O Fim de Tudo*, morreu enquanto gravava um vídeo sobre o sequestro e os assassinatos em Ellingham em 1936. Enquanto trabalhava no túnel, foi exposto a uma concentração letal de dióxido de carbono.

Embora a polícia tenha concluído que a morte de Hayes Major foi um acidente — resultado do uso excessivo de gelo seco para criar um efeito de neblina —, estará o caso realmente resolvido? Uma destemida detetive, aluna de Ellingham, chamada Stephanie (ou Stevie) Bell, iniciou uma investigação independente. Bell foi admitida em Ellingham devido ao seu conhecimento sobre o caso dos sequestros de 1936. Acreditava que Major não havia colocado o gelo no túnel e que, na verdade, a sua morte fora provocada por outra pessoa, intencionalmente ou acidentalmente. Além disso, concluiu que Major não tinha escrito a série que o tornou famoso, como o próprio afirmava.

Bell recorreu a esta repórter para rever as fotografias tiradas no dia da morte de Major. Baseando-se nas informações obtidas, Bell acusou a aluna Element Walker de ter escrito a série *O Fim de Tudo* e de estar envolvida na morte de Major. Após um confronto na Casa Minerva, onde residiam Major, Walker e Bell, a administração do instituto interveio. Todos os estudantes que ainda estavam na Minerva foram deslocados para a Mansão Ellingham.

O que aconteceu depois foi inesperado e desconcertante.

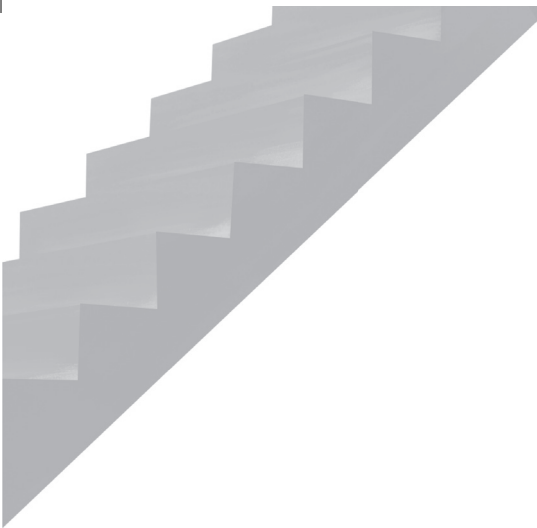
Fontes presentes na Mansão naquela noite confirmam que a administração interrogou Element Walker e decidiu

interromper o interrogatório para consultar um advogado e chamar a polícia. Deixaram Walker sozinha no antigo escritório de Albert Ellingham, com a porta fechada e várias pessoas à sua volta. Quando voltaram a abrir a porta, Walker tinha desaparecido e, desde então, não voltou a ser vista. Há rumores de que ela usou uma passagem oculta na parede para escapar.

Esta repórter questiona: para onde poderia ter ido Element Walker na calada da noite, sem provisões, sem telefone, sem carro e sem ter preparado a sua fuga? O Instituto Ellingham está situada numa montanha de difícil acesso. Como conseguiu escapar? Como conhecia a existência da passagem? Estaria de alguma forma implicada na morte de Major ou terá fugido em pânico?

O seu desaparecimento levantou ainda mais questões sobre um caso que continua a desafiar a compreensão.

Acompanhe o Relatório de Batt para mais notícias exclusivas.



Entre todos os estabelecimentos do seu bairro em Pittsburgh, o café Funky Munkee era o que mais evocava para Stevie as memórias do Instituto Ellingham. Era uma relíquia dos anos noventa, com uma placa de letras extravagantes que destoavam do resto. As paredes estavam pintadas com cores primárias vivas, cada uma num tom diferente. A melodia inevitável das cafetarias permeava o ambiente: uma guitarra tocava suavemente. Havia quadros descascados de grãos de café, plantas, mesas um tanto tortas onde se sentar e chávenas de tamanho descomunal. Nada ali remetia ao seu antigo colégio.

O que lhe agradava, e o que mais a fazia lembrar Ellingham, era o facto de não ser a sua casa, e de lá ninguém a incomodar.

Naquela semana, tinha frequentado o café todos os dias, pedindo o café mais pequeno e mais barato. Levava-o para o fundo do estabelecimento, para uma alcova com paredes vermelhas. Era um canto sombrio e lúgubre, com mesas instáveis e tendência a estarem pegajosas. Todos evitavam aquele espaço, e era exatamente por isso que Stevie o apreciava. Tornara-se o seu novo escritório, onde se dedicava ao seu trabalho mais importante. Se tentasse fazê-lo em casa, os seus pais poderiam entrar e interrompê-la. Ali, estava num lugar público, mas ninguém parecia importar-se com o que ela fazia, nem sequer reparavam nela.

Colocou os auscultadores, não para ouvir música, mas em busca de um pouco de silêncio. Posicionou a mochila sobre a mesa, com o fecho virado para si, e abriu-a. Primeiro retirou umas luvas de nitrilo. Tinha-as comprado no dia em que voltara. Naquele ponto, talvez fossem uma precaução excessiva, mas uma mulher precavida vale por duas.

Vestiu-as. Era uma sensação satisfatória. Com ambas as mãos, procurou no fundo da mochila e retirou uma pequena lata de chá amassada.

Aquela lata era demasiado preciosa para deixar em casa. Quando se encontra algo de valor histórico, deve-se mantê-lo por perto. Aquela lata acompanhava Stevie para onde quer que fosse, guardada no armário durante o dia e escondida na mochila à noite. Onde ninguém a pudesse ver. De vez em quando, esticava o braço para tocar no volume da mochila e assegurar-se de que estava segura.

Era uma lata vermelha e quadrada, com várias amolgadelas e ferrugem na borda. Estava marcada com as palavras BOLSAS DE CHÁ INGLÊS TRADICIONAL. Abriu a tampa com cuidado. Por vezes, ficava um pouco presa, exigindo uma manipulação cuidadosa. De dentro, retirou os restos de uma pena branca, um pequeno pedaço de tecido com bordados de contas, um batom dourado que já tinha perdido o brilho e restos petrificados de carmim vermelho, uma caixinha para comprimidos em forma de sapato, folhas de papel, fotografias a preto-e-branco e um esboço de poema inconcluso.

Aqueles modestos objetos eram as primeiras provas tangíveis do Caso Ellingham em mais de oitenta anos. E o momento em que Stevie os descobrira fora o momento em que os seus sonhos com Ellingham se tinham despedaçado.

Ellingham. A sua antiga escola. Ellingham, o lugar onde sonhara estudar. O lugar onde tivera o privilégio de estudar, por um breve período. Ellingham, o lugar que agora não passava de uma memória.

Em Pittsburgh, ninguém conseguia compreender o que acontecera a Stevie em Ellingham. Apenas sabiam que tinha ido para uma prestigiada escola, que aquele rapaz do YouTube tinha morrido lá num acidente e que Stevie regressara semanas depois.

Era verdade que a morte de Hayes Major tinha sido o ponto de partida para a saída de Stevie. No entanto, a responsável por ter feito com que os pais de Stevie a retirassem à pressa do Instituto Ellingham era uma tal de Germaine Batt, e isso acontecera por mero acaso.

Todos os alunos do Instituto Ellingham possuíam *algo*, algum talento especial, e o de Germaine Batt era informar. Antes da morte de Hayes, tinha um *site* modesto e com poucos seguidores. Mas a morte é um

negócio rentável quando aparece nas notícias. «Se há sangue, há notícia», como costumam dizer. (Stevie não tinha bem a certeza de *quem* costumava dizê-lo. Era uma expressão comum. Significava que as histórias sangrentas e macabras ganhavam sempre destaque, e por isso as notícias eram sempre más. As pessoas não se interessam pelo que está bem. Notícia é sinónimo de *má notícia*.)

A peça que a arruinara saía no dia seguinte ao confronto com Element Walker sobre a autoria da série *O Fim de Tudo*. Stevie sabia que Ellie tinha levado o computador de Hayes e que o escondera debaixo da banheira na Casa Minerva. Stevie também sabia que Hayes não poderia ser a pessoa que usara o passe para retirar o gelo seco que lhe causaria a morte. Além disso, Hayes não escrevera a série que o tornara famoso, a qual estivera muito perto de ganhar um contrato para um filme. Isso fora tudo Ellie.

Era isso que Stevie estava a tentar contar às pessoas naquela noite. Tinha interrogado Ellie, primeiro na Minerva e depois na Mansão. E Ellie tinha desaparecido de um quarto trancado à chave. Assim, sem mais nem menos. *Puf*. Fugira pelas paredes do escritório de Albert Ellingham através de uma passagem oculta e dali... para fora. Para longe. Para qualquer lugar.

O instituto não divulgou a informação. Oficialmente, Ellie não era culpada de nada. Era apenas uma aluna que havia fugido de um internato. Mas os pais de Stevie tinham um alerta no Google que os informava de tudo relacionado com Ellingham desde a morte de Hayes, e foi assim que leram no *Relatório de Batt* que Stevie estava a investigar a morte de Hayes e que agora uma potencial assassina andava à solta. Duas horas depois de aparecer a história de Germaine, o telefone de Stevie tocou; dez horas depois da chamada, o carro dos pais de Stevie avançava a toda a velocidade pelo caminho de entrada de Ellingham, apesar da proibição de veículos não autorizados no recinto da escola. A noite fora marcada por um pranto incessante; Stevie chorara durante todo o caminho até Pittsburgh, em silêncio, mas sem parar, com os olhos fixos do outro lado do vidro da janela até adormecer. Na segunda-feira seguinte, já estava de volta à sua antiga escola, integrada à pressa em algumas das aulas.

O truque era não pensar muito em Ellingham; nos edifícios, no aroma do ar, na liberdade, na aventura, nas pessoas...

Sobretudo nas pessoas.

Podia enviar mensagens aos seus amigos Nate e Janelle. Principalmente a Janelle, que lhe enviava dezenas de mensagens por dia a perguntar como estava. Stevie só conseguia responder a uma de cada três ou quatro que recebia, porque responder significava pensar em quanto sentia falta de ver Janelle no corredor, na sala comum, na mesa. No quanto sentia falta de saber que a amiga dormia do outro lado da parede; Janelle, que cheirava a limões ou a flor de laranjeira, que usava um dos muitos turbantes coloridos para proteger o cabelo enquanto trabalhava com material industrial. Janelle era criadora, construtora de pequenos aparelhos robóticos e outros dispositivos, e agora estava a preparar uma máquina Rube Goldberg para a competição Sendel Waxman. As suas mensagens indicavam que passava muito mais tempo na casinha de manutenção desde a partida de Stevie e que o seu relacionamento com Vi Harper-Tomo estava a tornar-se cada vez mais sério. Janelle tinha uma vida cheia e queria que Stevie fizesse parte dela, e Stevie sentia-se fria e distante, como se nada fizesse sentido naquela cidade, no centro comercial com o metro e a loja de tabaco e cervejas, no Funky Munkee.

Mas tinha a lata, e enquanto a tivesse nas mãos, o Caso Ellingham estava ao seu alcance.

Encontrara-a no quarto de Ellie pouco depois do seu desaparecimento. Tinha-a datado com base em imagens da internet. Situava-se algures entre 1925 e 1940, quando aquele chá era muito popular e um dos mais vendidos. A pena tinha cerca de dez centímetros e parecia ter estado costurada a uma peça de vestuário. O pedaço de tecido tinha cinco centímetros de largura e era de um azul vívido, com bordados de contas prateadas, azuis e pretas e as bordas desfiadas. Outro resto de alguma peça de vestuário. O batom exibia as palavras À PROVA DE BEIJOS numa lateral. Estava usado, mas ainda não totalmente gasto. A caixinha de comprimidos era o único objeto que parecia ter algum valor. Não devia medir mais de cinco centímetros. Estava vazia.

Stevie catalogava esses quatro objetos como um único grupo. Eram pessoais, relacionados com vestuário ou acessórios. A pena e o pedaço de tecido não serviam particularmente para nada, então o motivo pelo qual tinham sido guardados permanecia um mistério. A caixinha e o batom poderiam ter tido algum valor. Era mais provável que tivessem pertencido a uma mulher. Eram íntimos. Significavam alguma coisa para quem os guardara naquela lata.

Provavelmente, os outros objetos eram muito mais relevantes. Eram uma série de fotografias de duas pessoas a posar como Bonnie e Clyde. Stevie analisou-as até a visão ficar turva. A jovem tinha o cabelo preto e curto, à moda dos anos vinte. Stevie procurou no Google imagens de Lord Byron, o poeta, e viu que havia de facto alguma semelhança com o rapaz das fotos. Tinham escrito um poema sobre si mesmos. Mas quem *eram*? O problema era que na internet não havia registos de todos os nomes dos primeiros alunos de Ellingham. Os seus nomes nunca tinham importado; não faziam parte do caso. Portanto, não apareciam em lugar algum. Stevie tinha pesquisado na internet, lido os tópicos dos fóruns que visitava sobre o caso. Na época dos crimes ou nos anos seguintes, alguns alunos haviam decidido escrever comunicados ou falar com a imprensa. A que mais aparecia era uma tal de Gertrude van Coevorden, uma jovem da alta sociedade de Nova Iorque que alegava ser a melhor amiga de Dottie Epstein. Após os sequestros, passara várias semanas a dar entrevistas, num mar de lágrimas. Nenhuma dessas entrevistas ajudava a identificar as pessoas nas fotos.

E depois havia o poema. Não tinha qualidade. Nem sequer estava acabado.

A balada de Frankie e Edward

2 de abril de 1936

Frankie e Edward tinham a prata

Frankie e Edward tinham o ouro

Mas ambos viam as regras pelo que eram

E ambos queriam a verdade cá fora

*Frankie e Edward não se curvavam perante reis
Viviam pela arte e pelo amor
~~Destronaram o homem que ali reinava~~
Levaram*

*O rei era um jóquer do alto da montanha
Poder e domínio ambicionou
Por isso, Frankie e Edward lançaram uma cartada
E desde aí tudo mudou*

Stevie não sabia muito de poesia, mas entendia de crimes. Bonnie Parker, a célebre criminosa da década de 1930 que Frankie imita ao posar para aquelas fotos, também escrevia poemas, incluindo um chamado *A História de Sal, a Suicida*, que contava a história de uma mulher apaixonada por um criminoso. Aquele poema parecia ter sido inspirado no dela.

Além disso, havia várias alusões no poema que pareciam remeter a Albert Ellingham: a menção aos jogos, o rei que era um jóquer e vivia numa montanha... E, no poema, Frankie e Edward faziam *algo*, mas o poema não revelava o quê.

Stevie encontrara uma única pista que talvez esclarecesse algo sobre Frankie e Edward. Tinha lido inúmeras vezes as entrevistas realizadas pela polícia com os diversos suspeitos; estavam compiladas num *e-book* que ela descarregara para o telemóvel. Marcara um excerto específico em que Leonard Holmes Nair, o renomado pintor que estava com os Ellinghams durante os sequestros, descrevia os alunos:

LHN: Vejo-os a todos, sempre a andar por aí. Sabe, o Albert abriu esta escola e disse que a encheria de prodígios, mas metade dos alunos é formada por filhos dos amigos dele e estão longe de ser os mais inteligentes. A outra metade acho que é aceitável. Para ser justo, há um ou dois que demonstram um certo brilho. Um rapaz e uma rapariga, esqueço-me sempre dos nomes deles. Parecem um par. Ela tem cabelo preto como um corvo e ele parece-se um pouco com Byron. Ambos demonstraram interesse por poesia. Tinham uma luz no olhar. A rapariga perguntou-me sobre Dorothy Parker, o que encarei como um sinal de esperança. Sou amigo da Dorothy.

Stevie não tinha dúvidas de que aqueles dois alunos descritos por Leonard Holmes Nair eram os mesmos das fotos.

De qualquer forma, a pista crucial estava nas fotografias; ou melhor, entre elas.

O seu telemóvel vibrou. Era uma mensagem da mãe: **Onde estás?**

Stevie suspirou.

A caminho de casa.

Apressa-te, respondeu a sua mãe.

Ainda eram quatro da tarde. Em Ellingham, Stevie era a dona do seu próprio tempo. Quando comia, o que comia, quando e onde estudava, o que fazia entre as aulas... era tudo exclusivamente decidido por ela. Ninguém a vigiava. Agora, estava de volta ao domínio da sua família.

Apressou-se a beber o café e, com cuidado, guardou os objetos na lata. Voltou a pôr os auriculares e iniciou o restante do caminho para casa. O Halloween estava à porta, e todos os estabelecimentos e residências exibiam abóboras ou cartazes outonais. O ar ainda mantinha vestígios da suavidade do final do verão, antes que o frio se instalasse de surpresa e matasse tudo o que se erguia acima do chão.

O inverno em Pittsburgh prometia ser insuportável.

O telefone tocou. As únicas chamadas que recebia eram dos seus pais ou de Janelle. Surpreendeu-se ao ver o número de Nate. Ele não era muito dado a chamadas.

— Deixa-me adivinhar — disse Stevie ao atender. — Estás a escrever. Nate Fisher era escritor. Ou pelo menos, deveria ser.

Quando tinha catorze anos, escrevera um livro intitulado *Crônicas de Moonbright*. Começara como um passatempo. Depois, ao publicá-lo por capítulos na internet, tornara-se cada vez mais popular, até conquistar uma legião de seguidores e se tornar um autor publicado. Chegara a fazer uma digressão promocional e aparecera em vários programas da manhã. Chegara a Ellingham amparado por esse sucesso. Stevie tinha a impressão de que ele gostava de lá estar por alguns dos mesmos motivos que ela; estava longe de casa e as pessoas deixavam-no em paz. Em casa, ele era o rapaz que escrevia. Não gostava de publicidade. A sua ansiedade social transformava cada evento num pesadelo. Ellingham era um refúgio nas montanhas onde podia estar com outros

que também faziam coisas estranhas. O único problema era que ele devia estar a escrever a segunda parte do livro, mas essa recusava-se a ser escrita. A única motivação para a existência de Nate era evitar escrever a segunda parte do *Crônicas de Moonbright*.

Fora por isso, concluiu Stevie, que ele lhe ligara.

— Não está a correr bem? — perguntou ela.

— Não imaginas a vida que tenho levado.

— É assim tão má?

— Os livros devem ter uma parte central? — perguntou Nate.

— Acho que tudo o que acontece na metade do livro provavelmente é a parte central — respondeu Stevie.

— E se houver apenas um começo onde conto tudo o que aconteceu no primeiro livro com uma série de recursos, como pergaminhos encontrados e bardos bêbados na taberna a contar a história a algum viajante, e depois umas duzentas páginas de perguntas e, finalmente, explico onde está o dragão?

— Há beijos? — quis saber Stevie.

— Odeio-te.

— Não te ocorre *nada*?

— Digamos que preciso de fazer com que o Lua Fulgente enfrente alguma coisa, e o único rival que me ocorre é o Norb Pulsante. É como uma parede que treme. A melhor ideia que tive esta semana é uma parede que treme chamada Norb Pulsante. Preciso que voltes e me mates.

— Quem me dera poder fazê-lo — respondeu Stevie enquanto pressionava o botão do semáforo para atravessar. — Adorava conhecer um Norb Pulsante.

— E por aí, como estão as coisas? — perguntou Nate.

— Sem novidades. Os meus pais continuam a ser meus pais. A escola continua a ser a escola. Nunca tinha reparado em como cheira a cafetaria e água de lavar. Em Ellingham... tudo cheirava a madeira.

Ao lembrar-se disso, Stevie sentiu uma dor aguda. Como um soco no estômago.

— Então, como estão todos? — apressou-se a perguntar.

— Bem... a Janelle agora é só amor e ferramentas elétricas. E o David, suponho que...

E David, supunha ele. Nate fez uma pausa longa o suficiente para que Stevie percebesse que se passava mais alguma coisa. Só Janelle sabia boa parte do que acontecera: que havia algo entre Stevie e David Eastman. David era um jovem rico e irritante, desleixado e difícil. Qualquer que fosse o seu talento — e, ao que parecia, tinha um talento considerável para programação —, mantinha-o oculto do instituto e dos colegas. Os seus passatempos eram videojogos, faltar às aulas, não falar sobre o seu passado...

E Stevie.

Janelle sabia que Stevie e David se tinham envolvido várias vezes. Era provável que Nate também suspeitasse; ele não se interessava pelos pormenores, embora fosse evidente. No entanto, havia algo que nem Janelle nem Nate sabiam sobre David. Algo que Stevie mantinha em segredo. Algo que não podia ser revelado.

— O David... o quê? — perguntou, tentando não revelar muito interesse.

— Nada. Bem, acho que tenho de desligar agora...

Stevie suspeitou que Nate não ia desligar porque estava prestes a escrever; ia desligar porque aquela era provavelmente a conversa telefónica mais longa que ele alguma vez tivera, pelo menos de forma voluntária.

— Os meus pais têm um cartaz na casa de banho que resume tudo — disse Stevie. — Diz: «Acredita em ti mesmo.» Já *pensaste* em acreditar em ti mesmo? Posso enviar-te a citação sobreposta numa fotografia de um pôr do sol. Isso ajudaria?

— Adeus — respondeu Nate. — És horrível.

Stevie sorriu e guardou o telemóvel no bolso. Doía sempre, mas agora doía um bocadinho menos. Levantou a cabeça e avançou com passos firmes e decididos. Lera algures que a forma como se anda pode influenciar o estado de espírito, ajudando a assumir a forma daquilo que se deseja ser. Os agentes do FBI caminhavam com decisão. Os detetives mantinham a cabeça erguida e os olhos atentos a todos os pormenores. Agarrou com força as alças da mochila para adotar uma postura mais ereta. Não iria desmoronar. Acelerou o passo e percorreu o caminho de concreto rachado que levava à porta de sua casa,

virando-se, como sempre, para não olhar para o letreiro desbotado que dizia KING NO SENADO e que ainda permanecia no jardim um ano depois das eleições.

— Olá — saudou ao tirar o casaco e deixar os auriculares pendurados no pescoço. — Decidi voltar a pé de...

Parecia que tinham uma visita.